



O TREVO

Difusão do Espiritismo Religioso
Órgão da
ALIANÇA ESPIRITA EVANGÉLICA
FRATERNIDADE DOS DISCÍPULOS DE JESUS

Ano XIII

São Paulo, dezembro de 1985

N.º 142

Alguns temas importantes

Esta edição de "O Trevo", cujos primeiros exemplares estarão sendo entregues aos companheiros presentes à 4.ª Reunião Geral da Aliança (dias 13, 14 e 15 de dezembro) dedica-se em especial a recordar alguns assuntos importantes aqui divulgados depois da publicação da primeira edição do livro "Vivência do Espiritismo Religioso" ocorrida em dezembro de 1979.

Pelos temas ora revistos pode-se perceber o dinamismo da Aliança, uma instituição que está permanentemente recebendo a contribuição dos grupos integrados — todos eles exercitando profundas experiências no campo da vivência do espiritismo em seu aspecto religioso.

Achamos importante salientar que ao completar 12 anos de existência (neste mês de dezembro), a Aliança está em plena expansão. Um rápido balanço de atividades, demonstra estarmos hoje com 85 grupos integrados e mais de uma dezena em fase de integração ao programa.

Os números apresentados pelos grupos integrados que, até 30 de novembro passado, enviaram seus relatórios à secretaria, informa que 116 turmas de Escolas de Aprendizes estão em funcionamento com 2.255 alunos; 40 turmas de Cursos de Médiuns, com 758 alunos; 1.694 trabalhadores estão doando parte de seu tempo nesses grupos atendendo a uma média de 5.000 pessoas nos serviços de assistência espiritual.

E, como não podemos parar de trabalhar, na última página publicamos o programa de atividades gerais de 1986. Solicitamos a todos os grupos integrados que divulguem esse programa, para que possamos contar com a participação de um grande número de cooperadores nas atividades ali relacionadas.

REUNIÃO EM PERUÍBE



Aspecto da reunião da Diretoria da Aliança realizada no dia 9 de novembro de 1985, em Peruíbe, com a presença de 27 companheiros de 12 centros espíritas integrados. Nessa reunião foram colhidos subsídios para elaboração do Programa da Aliança para 1986, que está sendo publicado nesta edição.

FRATERNIDADE DOS DISCÍPULOS DE JESUS

Junho de 1981

Na reunião da Seção Dependente (Litoral Sul), da Fraternidade dos Discípulos de Jesus, realizada em 09-05-81, na sede do Centro Espírita Irmão Timóteo, foram estabelecidas as seguintes diretrizes:

Considerando:

— que, para alguns Discípulos, segundo a experiência tem demonstrado, o tempo despendido na Escola de Aprendizes não foi suficiente para uma conscientização duradoura, acarretando, após o ingresso na FDJ, um afastamento das atividades e compromissos inerentes.

Propõe-se:

— que as turmas após a conclusão do curso prossigam em reuniões mensais com os seguintes objetivos:

- a) continuar proporcionando aos ex-alunos o gratificante "ambiente de turma";
- b) oferecer orientações sobre as tarefas que o Discípulo pretender abraçar;
- c) colocar ao alcance do Discípulo, na forma de opções, diversas atividades que lhes sirvam como veículo de testemunho;
- d) amparar e orientar o Discípulo na difícil tarefa do auto-aperfeiçoamento sempre que houver solicitação.

Conclusão:

Assim, em cada Centro, as turmas, após a conclusão da Escola, deverão prosseguir com reuniões mensais.

Uma vez a cada três meses será oportuna, em cada Centro, uma reunião da Seção Dependente, a fim de congregar em ambiente fraterno todos os Discípulos da Casa.

Por serem úteis as conclusões enumeradas sugerimos sejam aplicadas inclusive para as turmas que concluíram a Escola em anos anteriores.

EDGARD ARMOND

DEZEMBRO DE 1982

No dia 29 de novembro, às 4h30, no Hospital Oswaldo Cruz, em São Paulo, o comandante Edgard Armond retornou à pátria espiritual. Estava com 88 anos completos. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Vila Mariana.

Do valeroso companheiro que partiu podemos dizer que por mais de trinta anos o movimento espírita brasileiro viveu impulsionado pelo seu dinamismo. Foi ele que sistematizou o estudo da Doutrina em termos evangélicos e estabeleceu cursos para auxiliar o desenvolvimento de médiuns. Foi, também, pioneiro do movimento de unificação, tendo lançado a idéia de criação da USE — União das Sociedades Espíritas. A Federação Espírita do Estado de São Paulo ganhou vida em suas mãos e, por trinta anos, cresceu sob seus cuidados; em 1973, a Aliança Espírita Evangélica nasceu sob sua inspiração.

Edgard Armond foi, sem dúvida nenhuma, o continuador da obra de Bezerra de Menezes, no tocante à difusão e vivência do Espiritismo em seu aspecto religioso.

O TREVO

N.º 142 - DEZEMBRO/85

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168

Fone: (011) 239-3474

São Paulo

Diretor-geral da Aliança
Espírita Evangélica:

JACQUES A. CONCHON

Jornalista Responsável:

VALENTIM LORENZETTI

Orientação para expositores

JUNHO DE 1983

Realizou-se no dia 21 de maio, nas dependências do Hotel Cambridge, em São Paulo, o Seminário para os Expositores dos grupos integrados à Aliança, com a participação de 114 companheiros representantes dos centros da Grande São Paulo, Rio de Janeiro e Londrina.

Durante todo o dia, das 9 às 18 horas, debateu-se extensa pauta de assuntos referentes à responsabilidade e preparo do expositor. O debate em grupos forneceu, ao final, importantes subsídios para orientação dos confrades que se propõem a ministrar aulas. Esses subsídios, como uma espécie de conclusão do Seminário, são alinhados a seguir:

1. Com respeito aos assuntos controvertidos

a) Deve o expositor manter-se sempre dentro do assunto da aula que está ministrando;

b) se achar necessário, informar sobre os assuntos controvertidos (encarnações de Jesus, corpo fluídico, etc.), porém deixando sempre claro tratar-se de opiniões particulares que não fazem parte da essência da Doutrina Espírita. Quando enunciar essas informações, fornecer aos alunos as referências (autor, livro etc.) em que está se baseando;

c) evitar tomar partido com referência a tais assuntos, procurando sempre valorizar o campo da reforma moral para o qual as controvérsias pouco ou nada ajudam;

d) ter sempre em mente que as Obras Básicas da Doutrina (Kardec) devem estar na essência de tudo o que for exposto;

e) ter em mente que, principalmente no 1.º ano da Escola de Aprendizes, há alunos provenientes dos mais diversos cultos e religiões. Expor assuntos de forma agressiva a essas religiões, além de ser falta de caridade, pode ser causa de evasão;

f) evitar citações exageradas de autores, espirituais ou encarnados, sem preocupar-se em citar a fonte de onde foram extraídas tais citações;

g) evitar dogmatismos e radicalismos. Dar sempre liberdade

para o aluno raciocinar, aceitar ou rejeitar;

h) explicar de forma simples o significado de certas palavras como ressurreição, céu, inferno, karma etc.;

i) ter em mente que as aulas contidas nos fascículos da "Iniciação Espírita" e de "O Redentor" são a espinha dorsal da exposição. O expositor, porém, deve pesquisar em outras obras para enriquecer o assunto, a fim de que a aula tenha duração média de 45 minutos.

2. Responsabilidade do expositor

a) Não faltar à aula que assumiu ministrar. Quando convidado a ministrar qualquer aula, usar de franqueza se não puder aceitar;

b) durante a aula, abster-se de emitir opiniões pessoais;

c) ter sempre um ou dois substitutos, para emergências. Dar subsídios a esses substitutos, para que possam ministrar uma aula interessante. Pode, inclusive, convidar esses substitutos para assistir às suas aulas, a fim de que haja maior entrosamento;

d) ter agendadas todas as aulas de sua responsabilidade;

e) preparar bem a aula;

f) não cair na rotina. Colocar sentimento na aula; viver as palavras proferidas. Ser muito mais pregador do que apenas expositor. Lembrar-se que os desencarnados também assistem às aulas.

3. O preparo do expositor

a) Quem quer ensinar tem que aprender. Estudar sempre. Conhecer muito bem as obras básicas da Codificação. Que tenha ou esteja freqüentando a Escola de Aprendizes do Evangelho;

b) submeter-se periodicamente a programas de reciclagem quanto às técnicas de oratória e a seminários para aculturação doutrinária;

c) de preferência, especializar-se num grupo de aulas, para que possa aprimorar-se cada vez mais nesses assuntos. Usar recursos visuais para auxílio da exposição;

d) não fugir do tema. Nem retroceder para a aula anterior, nem avançar na aula seguinte;

e) o Centro Espírita deve ser responsável pela formação e aperfeiçoamento do expositor. Pode, inclusive, promover o Curso de Formação de Expositores com mais aulas práticas, a fim de melhor selecionar os candidatos;

f) cada centro, dentro de suas experiências, deve organizar um manual de referências bibliográficas que tenham ajudado no enriquecimento das aulas. A secretaria da Aliança, de posse de cópias desse manual, poderá editar um documento que sirva de orientação geral para todos os expositores;

g) devem também os Centros preocupar-se com a formação de expositores para aulas da Mocidade Espírita, que exigem maior dinamismo — como o estudo dirigido em grupos etc.

PREGADOR E EXPOSITOR

O companheiro Jacques levou o grupo a refletir sobre a diferença entre expositor e pregador.

Na exposição — esclareceu — o indivíduo apresenta uma sucessão de fatos encadeados logicamente, de forma racional, para fins didáticos. Não leva ninguém a reformar-se intimamente, não toca o campo das emoções.

Na pregação, o apelo é dirigido

do à emoção, toca os sentimentos das pessoas visando à modificação interior. "Logo, o valor das aulas na Escola de Aprendizizes — diz Jacques — está na capacidade do orador tocar emocionalmente os alunos. Devem ser dirigidas aos sentimentos e emoções."

Deve o pregador ser eloquente, isto é, dar força à palavra, criar imagens com o verbo. Contudo, esta eloquência deve ser congruente, o que significa que o pregador deve acreditar naquilo que fala. Isto é, a pregação não pode ser da "boca para fora", o pregador tem que ter vivência, tem que sentir — em seu próprio ser — aquilo que está verbalizando.

"Quando falamos com palavras que vêm do nosso coração, os ouvintes são transportados para novas experiências", esclareceu o companheiro.

PARA OS ASSISTIDOS

Discutiu-se também a exposição para os irmãos que buscam a assistência espiritual no Centro Espírita. As opiniões, aqui também, foram no sentido de que o expositor para este assunto deve preparar-se sempre com muita antecedência. Importante não ser expositivo, deve falar com o coração, tocando os assistidos. O tempo desta pregação deve girar em torno de 10 minutos, seguida de prece, vibrações e passes.

Já em setembro de 73 a união se efetivava e o primeiro número do **Trevo** vinha a público anunciando a nobre iniciativa de oito instituições espíritas (C.E. Perseverança, Colônia Esp. Alvorada, Seara Bendita Instituição Espírita, G.E. Razin, Fraternidade Servos do Senhor, C.E. Irmã Brasileira, C.E. Jesus no Lar, e C.E. Aprendizizes do Evangelho).

Visavam os grupos acima enumerados a preservação dos ensinamentos que nortearam os trabalhos da Federação Espírita do Estado de São Paulo durante quase três décadas, a saber: a Escola de Aprendizizes do Evangelho: para a vivência do espiritismo religioso; Assistência Espiritual: através de passes padronizados; e o Curso para Médiuns.

LANÇAMENTO DAS BASES

A segunda fase que se alongaria até dezembro de 75, foi aquela que maiores esforços exigiu e compreendeu essencialmente a adaptação de todos os programas e currículos, tendo-se em vista a necessária descentralização.

Os programas da Escola de Aprendizizes, assim como do Curso de Médiuns, foram integralmente revisados pelo próprio Cmt. Armond, que apesar da idade avançada legou-nos um exemplo maravilhoso de dedicação e valorização do trabalho.

Nesta segunda fase, as reuniões de diretoria eram mensais, seguidas em paralelo pelos encontros trimestrais que reuniam alunos e trabalhadores de todas as casas.

Não podemos olvidar o entusiasmo que nos empolgava quando após a conclusão de um capítulo importante dos programas, que estavam sendo revisados, a exemplo de **Cromoterapia** e **Psiquismo**, fazíamos cursos-relâmpago de fim-de-semana para atualização dos expositores e dirigentes.

Já em abril de 75, 22 casas estavam integradas à Aliança e um fato marcou a sua evolução quando no dia 29/07/75 reunimos em São José dos Campos, à guisa do 1.º encontro interestadual, 236 pessoas:

Com a edição do **Redentor**, em julho de 75, inaugurava-se a Editora Aliança.

DEZ ANOS DE ALIANÇA

Jacques Conchon

DEZEMBRO DE 1983

A FASE PRÉ-ALIANÇA

Foi em março de 73 que começamos a sentir os primeiros indícios da formação de uma entidade espírita com características descentralizadoras e de cunho essencialmente religioso.

Nessa época, grupos de ex-alunos das escolas da Federação começaram a se unir, visando à formação daquilo que na época chamávamos de um sistema cooperativo espiritual.

Na antiga sede do Grupo Espírita Razin eram recebidas mensagens elucidativas apontando com nitidez as diretrizes do novo trabalho.

Desde o inesquecível encontro travado no dia 4 de dezembro de 1973, às 20 horas, na casa do nosso querido Cmt. Armond, quando se fundou a Aliança Espírita Evangélica, o tempo escoou com grande velocidade. Hoje, transcorridos 10 anos, fazemos pequena pausa para refletirmos e delineararmos alguns pontos históricos desse empreendimento espiritual.

Ao analisarmos a evolução da nossa Aliança compreendemos bem que na sua história constituíram-se fases distintas, cada qual visando atingir objetivos específicos, demonstrando-se assim a ação benéfica, objetiva e determinante do plano espiritual superior.

Em dezembro de 75, a série **Iniciação Espírita** era entregue a todos os grupos integrados e, com o grande encontro em 14/12/75, realizado em São Vicente, deduzimos hoje que as bases da nossa Aliança se encontravam lançadas.

COMPLEMENTAÇÕES

Uma vez implantados os programas fundamentais que definiram a origem da nossa Aliança, restava ainda implantar os programas de complementação, destinados à infância e juventude. Em 1976, nos dias 1 e 2 de maio, foi ministrado o 1.º Curso para Evangelizadores da infância, e, em outubro de 76, teve início a 1.ª turma da Mocidade Espírita.

Uma data gloriosa desta 3.ª fase foi vivida pela Aliança em 12/12/76, quando travamos, na Câmara Municipal de São Paulo, a 1.ª Reunião Geral da Aliança com a presença de todos os grupos integrados (inclusive os do exterior). Mais de 1.000 pessoas estiveram presentes na assembléia de encerramento.

PESQUISAS

A quarta fase que se estendeu pelos anos 77, 78 e 79 compreendeu intensas pesquisas a fim de encontrarmos as melhores fórmulas para:

- desenvolver as atividades atinentes à FDJ;
- colocar o nosso programa à disposição de grupos nos Estados Unidos, África, América do Sul em geral, Suíça, e Portugal, atendendo solicitações que eram dirigidas à nossa secretaria;
- buscar a fórmula efetiva para realização de encontros e reuniões importantes de caráter deliberativo.

Uma fase onde muitos ensaios foram realizados; contatos pessoais feitos com os grupos do estrangeiro, e a reformulação dos estatutos e regimentos — o que resultou na publicação, em dezembro de 79, no livro **Vivência do Espiritismo Religioso**.

Nos dias 15 e 16 desse mês foi realizada a 2.ª Reunião Geral.

Convém nos lembrar que nesse triênio de ensaios constituímos o plano vitorioso das Caravanas de Integração, propiciando visitas de intercâmbio entre todos os grupos da América do Sul.

DEFINIÇÕES

Em 1980 ingressamos na quinta fase. As reuniões da Diretoria começaram a ser realizadas nos diversos grupos integrados (uma prática de resultados excelentes que vem sendo cumprida até o presente momento).

Nesse ano com a consolidação dos planos e a publicação do "Vivência", pessoas realmente interessadas no Espiritismo Religioso aproximaram-se e constituíram novos grupos, o que se traduziu em acentuado crescimento.

De outra parte, outros grupos até então integrados, que não concordavam com os objetivos básicos de renovação íntima esposados desde o início, debandaram acarretando no selo da Aliança sólida união, dinamismo e maior eficiência. A Aliança cresceu rapidamente ao longo de 1981.

Em 82 restava-nos ainda um problema. Consistia em pesquisar a fórmula adequada para a reunião dos seus dirigentes em seminários de estudos e aperfeiçoamento. Animados pelos resultados da 3.ª Reunião Geral (dezembro/82) na qual os encontros entre dirigentes foram coroados de pleno êxito com participação global, e a profunda qualidade dos assuntos envolvidos, chegamos a 1983 em que o problema foi resolvido com soluções satisfatórias: foi o ano da consolidação.

CONSOLIDAÇÃO

Em 1983 foi realizado o encontro, em 21/05/83, entre expositores com a presença de 114 expositores vindos de todo Brasil.

Em 21 de agosto, o curso para evangelizadores da infância congregou 120 participantes.

O encontro de mocidades espíritas, realizado em 18/09/83, superou todas as expectativas reunindo 250 jovens.

E em 22/10/83, no encontro de dirigentes de Escolas de Aprendizizes 47 grupos integrados estiveram presente representados por 104 dirigentes.

EXPANSÃO

Neste último encontro de dirigentes, em 22 de outubro,

inaugurou-se a fase de expansão onde, uma vez entendido que todos os recursos foram apurados e aprimorados dentro de sucessivos ensaios e pesquisas desenvolvidas, ao longo de 10 anos, só nos restava trabalhar para a expansão do valioso tesouro que temos em mãos.

Atualmente quando iniciamos o Projeto de Expansão, 65 grupos integrados compõem a nossa Aliança, e 1484 alunos, que concluíram a Escola de Aprendizizes encontram-se testemunhando o Evangelho como verdadeiros Discípulos.

Escola de Aprendizizes

DEZEMBRO DE 1983

Na reunião de dirigentes de Escolas de Aprendizizes, no dia 22 de outubro, foram analisadas, em conjunto, diversas sugestões previamente enviadas à secretaria da Aliança por numerosos grupos integrados:

1. Quanto ao dirigente

a) o dirigente deve permanentemente auto-avaliar-se, fazendo, inclusive, sua caderneta pessoal e submetendo-se a avaliações periódicas do plano espiritual, como é feito com os alunos;

b) a reforma íntima do aluno é quase que uma consequência da reforma íntima do dirigente;

c) usar severidade no momento certo. Não expor nunca seus problemas pessoais para os alunos. Lembrar-se sempre do lema: Trabalho, Solidariedade e Tolerância;

d) conscientizar-se de seu papel na turma, qual seja, o de motivador da classe para o estudo e a vivência cristãs. Sondar os sentimentos de cada aluno, a fim de sentir se está realmente querendo aprender algo diferente em termos de modificação íntima. Não se colocar na posição de pai, nem de mãe da classe: ser apenas um irmão, um igual oferecendo apoio para caminharem juntos;

e) usar energia para com os deveres curriculares do aluno: caderneta pessoal, caderno de temas, caravanas de evangelização e auxílio, frequência às aulas etc.

2. Dirigente e aluno

a) não permitir que o seu relacionamento com o aluno sofra influências da natural evasão de alunos. Ter em mente sempre que as classes começam com muitos interessados, mas que, poucos acabam permanecendo. Se o dirigente ficar impressionado com a evasão, corre o risco de afrouxar a disciplina para "segurar" a classe e, dessa forma, distorcer a finalidade da Escola;

b) deve ser sempre indutivo em relação ao aluno, jamais impositivo. Em outras palavras: através de seus exemplos induzir a turma ao estudo, ao trabalho e à reforma íntima. O dirigente deve trabalhar para eliminar a impressão de "superior", que, a princípio, o aluno acha que ele é. Deve estar sempre uma hora antes da aula no Centro, a fim de atender os alunos que precisam expor problemas e esclarecer dúvidas.

3. Quanto à caderneta pessoal

a) abordar sempre o assunto com total seriedade. Não temer a apresentação da caderneta à classe; o índice de evasão não aumenta em consequência da implantação da caderneta;

b) apresentá-la como uma ferramenta essencial para o processo de reforma íntima e jamais como veículo de aprovação. O aluno não vai fazer anotações "para o dirigente" ou "para o plano espiritual"; vai fazer anotações para si mesmo, visando ao registro particular de auto-análise permanente. Os alunos que não sabem escrever devem ser motivados a pedir ajuda a companheiros de turma, que possam registrar suas impressões;

c) o dirigente deve fazer sua própria caderneta pessoal;

d) dar acompanhamento às cadernetas com assiduidade e seriedade. Este acompanhamento visa apenas tomar conhecimento se os alunos estão efetivamente utilizando esse instrumento, e não para avaliação do estado de cada aluno.

4. Caderno de temas

a) como em relação às cadernetas, deve ser apresentado como veículo de reforma íntima e jamais como instrumento de aprovação;

b) acompanhar com muita seriedade a evolução dos cadernos de temas, induzindo os alunos a desenvolverem os temas e comparecerem à frente da turma para sua leitura.

5. Misticismo

a) abolir das turmas o ambiente festivo, transformando-o em alegre confraternização. Confraternização não é festa. O ambiente "festivo" prejudica o ambiente de introspecção necessário para a aula. Depois da aula, pode o ambiente transformar-se em festivo, até servindo-se cafézinho entre os alunos. Aqui foi lembrada uma recomendação do comandante Edgard Armond: de preferência, não colocar a Escola no meio da semana; colocá-la na sexta ou no sábado, onde o aluno consegue fazer uma libertação temporária de seus compromissos do dia-a-dia, predispondo-o mais para as vibrações de sentido elevado;

b) o misticismo deve ser cultivado através de atitudes serenas, músicas de fundo, iluminação adequada e, sobretudo, um anseio de alcançar esferas mais elevadas. Misticismo não é viver fora deste mundo: é viver neste mundo, com os olhos voltados para um mundo melhor.

6. Horário e cronograma

a) deve ser respeitado com seriedade;

b) respeitar o tempo destinado a avisos, à exposição do tema, tempo de aula, vibrações etc.;

c) não permitir a entrada de retardatários e fazer sempre a abertura da aula com um tempo livre de 15 minutos, para que os companheiros possam conversar construtivamente e trocar idéias sobre a escola e os trabalhos. Por exemplo: se a aula começa efetivamente às 16 horas, divulgar que seu início se dá às 15h45, para 15 minutos de tolerância consentida.

7. Caravanas de Evangelização e Auxílio

As caravanas, que são feitas rotineiramente em favelas, poderão também ser feitas em outros campos assistenciais. O dirigente não deve forçar a classe a participar de um só trabalho de caravana; deve oferecer aos alunos um leque de opções, que,

de acordo com o interesse e afinidade de cada aluno, serão escolhidas livremente. Um trabalho de caravana deve ser feito por mês, já que faz parte do currículo da Escola. É possível que dessa forma haja mais participação, uma vez que oferecendo-se apenas uma opção, muitos alunos desistem por não se afinizarem com o trabalho proposto.

8. Aulas complementares

Deverão ser dinâmicas visando ao esclarecimento de dúvidas, sobretudo no campo da reforma íntima. Foi sugerido que nessas aulas sejam discutidas regras de conduta, tendo como referência o livro "Guia do Aprendiz". De qualquer forma, é preciso preparar o aluno com antecedência acerca dos temas a serem debatidos nessas aulas, a fim de que ele possa trazer prováveis dúvidas para debate em classe.

9. Estágio probatório

Esclarecer bem o aluno sobre o estágio probatório, suas implicações e importância. Alguns companheiros ficaram, inclusive de escrever artigos para "O Trevo" procurando melhor aclarar o estágio probatório. De qualquer forma ficou bem claro que o estágio deve começar a contar depois de concluído o estudo do "Livro dos Espíritos", e que deve ter, no mínimo, 90 dias.

10. Indução ao trabalho

O papel do dirigente deve limitar-se a induzir o aluno ao trabalho, sem forçá-lo a participar dessa ou aquela atividade. Uma vez despertada a necessidade de servir, o dirigente poderá orientar o trabalhador nos campos em relação aos quais ele tem mais interesse.

11. Conclusões

Ao final do seminário de dirigentes de Escolas de Aprendizes, o companheiro Jacques, diretor-geral da Aliança, afirmou: "Muitos de nós chegamos aqui em busca de soluções, e estamos saindo com uma bagagem de sugestões muito grande. A finalidade deste encontro não é a de ditar regras, mas de provocar reflexões sobre o assunto, a fim de podermos aprimorar sempre o nosso trabalho como dirigentes".

RELEMBRANDO O COMANDANTE

O DISCÍPULO DE JESUS

Jacques Conchon
DEZEMBRO DE 1983

Durante 20 anos tivemos um estreito convívio com nosso Com. Armond (1960-1980). Nesse largo período conseguimos assimilar uma boa parcela dos ensinamentos que nos foram transmitidos. Para não perdermos o teor essencial das suas mensagens, tínhamos por hábito anotar as suas palavras e registrá-las em fitas magnéticas.

Assim, possuímos entre cartéis, fitas-cassete, micro-cassetes, rolos de vídeo-tape e vídeo-cassetes, horas preciosas de um valioso acervo.

Sempre nos enternecia quando o Comandante começava a falar sobre o Discípulo de Jesus, apresentando com as suas palavras uma conceituação real.

Dava-nos a impressão que ele, nos últimos anos, abatido pela idade, crescia aos nossos olhos quando tocava em assunto tão empolgante.

Algumas das suas conceituações já foram comentadas incontáveis vezes diante dos nossos alunos que passavam para a FDJ. No mês de junho deste ano, publicamos no Trevo algumas das suas assertivas:

- Discípulo de Jesus é aquele que assumiu o compromisso de testemunhar o Evangelho.
- Característica importante do Discípulo de Jesus: Sentir o trabalho como necessidade.
- Ao longo da Escola de Aprendiz o coração se dilata ampliando a capacidade de amar.
- Usar o trevo na lapela é fácil, difícil é usá-lo no coração.
- Discípulo de Jesus é satisfeito com o mundo e tudo que nele existe, porém é insatisfeito consigo mesmo.
- O Discípulo de Jesus nada teme, a não ser a si mesmo.
- O Aprendiz trabalha quando solicitado, o Servidor quando

encarregado e o Discípulo quando necessário.

- Aprendiz, o trabalho como obrigação.
 - Servidor, o trabalho como dever.
 - Discípulo, o trabalho como prêmio.
 - Para o Discípulo de Jesus, a Seara de trabalho é o mundo.
 - Modelo de Discípulo de Jesus: Paulo de Tarso.
 - Durante a Escola de Aprendiz o aluno passa de Conduzido a Condutor.
 - Aquele que aceita as determinações do Senhor.
- Gostaríamos, entretanto, de ressaltar o conceito que mais profundamente penetrou em nosso coração e que até hoje nos convida a refletir para aferirmos se realmente estamos nos sublimando na glória de servir!
- Discípulo de Jesus é aquele que se sublimou na Glória de Servir!

A CADERNETA PESSOAL

FEVEREIRO DE 1984

No dia 21 de janeiro, em São Paulo, reuniram-se dirigentes de Escolas de Aprendiz do Evangelho de numerosos grupos integrados à Aliança, para discussão de um tema fundamental: lembrar a importância da caderneta pessoal como instrumento indispensável na luta pela reforma íntima do aluno da Escola.

Todos os presentes tiveram oportunidade de manifestar-se livremente, com vistas a clarificar o assunto e lançar idéias que possam ser adotadas a fim de informar e conscientizar o aluno acerca do bom uso da caderneta. Ao final, três pontos foram aprovados e passam, agora, a integrar-se ao programa da Escola:

1. O dirigente deve recolher as cadernetas a cada 90 dias, para uma rápida análise, aproveitando para colocar ou transcrever uma mensagem evangélica. A análise que o dirigente fará da caderneta deve apenas cingir-se ao uso que o aluno está fazendo da caderneta, nunca devendo entrar na intimidade das

anotações; isto é, deve ser analisado simplesmente se o aluno está fazendo lançamentos com vistas ao seu campo interior. Fica claro que a caderneta é de uso obrigatório na Escola de Aprendiz.

2. O dirigente da turma deve, também, fazer sua própria caderneta pessoal. Aliás, sendo um Discípulo, o dirigente deve tão-somente dar continuidade às anotações que já vinha fazendo na sua caderneta.

3. Embora implantada na 3.ª aula de complementação, a caderneta e seus efeitos benéficos já devem começar a ser comentados para os alunos desde as primeiras aulas da Escola. É importante que, ao apresentá-la à turma, o dirigente seja claro e manter-se sempre disponível para esclarecer eventuais dúvidas sobre seu uso correto. O aluno deve saber, logo na implantação, que a caderneta será recolhida periodicamente e que será analisada pelo Plano Espiritual em todo término de ano da Escola de Aprendiz, bem como pa-

ra ingresso do servidor na FDJ-Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

A ESCOLA DE APRENDIZES

A caderneta pessoal está inserida num contexto muito mais abrangente, que é a Escola de Aprendiz do Evangelho e a própria Fraternidade dos Discípulos de Jesus. Por isso, a reunião do dia 21 foi dividida em quatro segmentos: a) definição de Escola de Aprendiz do Evangelho; b) conceituação de FDJ; c) a caderneta pessoal; d) medidas práticas para controle do uso da caderneta.

O companheiro Jacques, ao início, recordou as origens da Escola de Aprendiz, implantada pelo com. Edgard Armond a partir de 1950 na Federação Espírita do Estado de São Paulo, com a primeira aula sendo ministrada por Vinicius (Pedro Camargo). "A Escola — afirmou o companheiro — reúne Evangelho e Doutrina Espírita, fornece elementos vitalizantes para a

mente e, muito mais, para os sentimentos, preparando homens evangelizados. Em termos de planeta Terra não existe nada semelhante, para ajudar a criatura a espiritualizar-se trabalhando na Seara de Jesus", asseverou. Mais adiante observou:

"Com a Escola de Aprendiz desapparece o freqüentador e aparece o trabalhador do centro espirita. Pois, ainda é muito comum encontrarmos, no centro, o usuário da Doutrina, o freqüentador e o curioso — todos estacionados nessa classificação estanque. Com a Escola, implanta-se uma nova dinâmica e o necessitado, em prazo muito curto, transforma-se em servidor".

"Os nossos dirigentes e alunos precisam saber que a Escola é algo muito sério; não é pasatempo nem momento de festa para encontrar com colegas. Tampouco é um curso acadêmico; é uma iniciação espiritual em termos espiritas" — complementou o companheiro Jacques.

A FDJ

Sobre a Fraternidade dos Discípulos de Jesus foi lembrado que sua origem está no drama do Calvário há quase 2.000 anos. Um espírito de tradições orientais — Razin — estava presente à crucificação e, chocado com aquilo que os homens fizeram ao Governador Espiritual do planeta, comprometeu-se a trabalhar pelo Cristianismo até que ele fosse uma realidade na Terra. Ali mesmo arregimentou alguns companheiros e deu início à Fraternidade do Trevo.

Em 1950, quando começava na Federação a Escola de Aprendiz do Evangelho, Razin identificou os objetivos dessa Escola com os ideais da Fraternidade do Trevo. E, assim, essa Fraternidade, por determinação de Razin, abriu um departamento que permite o acesso de encarnados. A este departamento deu-se o nome de FDJ-Fraternidade dos Discípulos de Jesus.

É preciso que o servidor, ao ingressar na FDJ, tenha em mente que já é um indivíduo liberto das servidões da Escola, tendo liberdade e responsabilidade de trabalhar pela vivência do Evangelho. O discípulo não pode ser um usuário da FDJ; deve ser um participante ativo, trabalhando na seara do mundo.

"DIÁRIO DE BORDO"

Apresentado, assim, o amplo cenário de apoio à transformação espiritual do ser humano, passou-se a um de seus instrumentos: a caderneta pessoal.

A caderneta é uma espécie de "diário de bordo" do aluno, indicando os pontos escuros do seu íntimo que precisam ser iluminados pela prática de virtudes opostas aos defeitos. É um instrumento imprescindível, hoje recomendada até pela moderna psicologia para clarificação dos sentimentos humanos.

É importante que o dirigente da turma tenha sentido em si os efeitos da caderneta, e, portanto, a aceite plenamente, para poder transmitir essa convicção aos alunos. Importante também o dirigente, ao analisar a caderneta, não se imiscuir na intimidade dos assuntos relatados. A análise deve ser feita apenas para saber se o aluno está usando a caderneta de forma devida.

Há os testes (que, na forma, sofrerão algumas pequenas alterações) que são distribuídos periodicamente para que o aluno possa fazer uma espécie de auto-avaliação.

E se o aluno recusar-se a fazer a caderneta? Não pode prosseguir na Escola, fica apenas como ouvinte, freqüentando tão-somente o primeiro ano. Pois, sendo a caderneta um instrumento do programa da Escola, deve ser utilizada e, admitamos, seu uso correto nos incomoda porque através dela estamos nos vendo por dentro e nos forçando a uma modificação para melhor. "Quando a caderneta incomoda, é porque está produzindo resultados", diz Jacques.

Antes de se chegar às três recomendações que abrem esta matéria, os presentes puderam ouvir uma gravação em vídeo-tape, feita no dia 24 de março de 1976 com o com. Armond, na qual ele aborda a caderneta pessoal. Por sua importância, transcrevemos na íntegra os esclarecimentos do comandante:

"Já dei muitas explicações sobre Caderneta Pessoal. Já respondi a muitas perguntas a respeito de Caderneta Pessoal. Notei que essas indagações versam quase sempre sobre as mesmas coisas.

"Mesmo as pessoas que inicialmente fazem objeções são pessoas que poderão vir a aceitar a utilização da Caderneta Pessoal. Caso contrário, quando persistem em não aceitá-la é porque não compreenderam a finalidade da Caderneta Pessoal, ou, então, se ressentem de algum ideal e são ainda incapazes de entrega.

"Entrega, aqui, numa conceitualização de idealismo bem posto. A entrega, nesta concepção é característica do indivíduo que está apto a se evangelizar. Entrega quer dizer que confia e se entrega em confiança, é um comprometimento sem restrições a Jesus Cristo.

"Ora, quem recusa a entregar-se jamais se evangeliza. Quanto à Caderneta Pessoal esta afirmação é justa.

"A Caderneta Pessoal não representa nenhum aparelho de confissão condenável. Ela é tão somente um registro de coisas que ocorrem na intimidade, na mente, do aprendiz enquanto ele labuta e se esforça na sua evangelização.

"É um documento de registro da sua autopreparação, das suas reações observadas enlevadamente por ele mesmo.

"Ela visa, de uma parte, a registrar tudo aquilo que ocorre na intimidade do próprio aprendiz, na medida em que ele vai se melhorando, avançando, ao mesmo tempo, vai se estimulando a si mesmo através da Caderneta Pessoal, vai tendo pontos de referência, documentando todo o progresso que se processa nele mesmo.

"É só isso a Caderneta Pessoal, não há outra significação que não seja essa.

"Também vai servir para a administração da Escola de Aprendiz do Evangelho ter amparo documental e possa formar firme conceito a respeito do seu próprio trabalho quanto às aulas, aproveitamento e da preparação dos Discípulos de Jesus que é o que temos em vista.

"É só isso."

PÁGINA DOS APRENDIZES

Para dar espaço a assuntos de interesse de toda a Aliança, publicados no "Trevo" nestes últimos 5 anos, deixamos nesta edição de apresentar a "Página dos Aprendizes".

ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA

PROGRAMAÇÃO 1986

JANEIRO	05 (Domingo)	15hs	C.A.M. — Com. Apóio a Mocidades — G.E. Razin
	11 (Sábado)	09hs	D.E. — Fraternidade Cristã
FEVEREIRO	02 (Domingo)	15hs	C.A.M. — CEAE Genebra
	01 (Sábado)	09hs	D.E. — Estrada de Damasco
	23 (Domingo)	10hs	Dirigentes Gl's sobre Mocidades
MARÇO	02 (Domingo)	15hs	C.A.M. — Casa do Caminho — S.J. dos Campos
	14 e 15 (Sábado)	09hs	Curso de Dirigentes de EAE D.E. Canoas e Porto Alegre
ABRIL	06 (Domingo)	09hs	15.º Encontro de Mocidades da AEE — SP
	12 (Sábado)	09hs	D.E. Caraguatatuba
	25 (Sexta)		Último dia para entrega das Cadernetas
MAIO	04 (Domingo)	09hs	3.º Curso Expositores Mocidade — CEME
	10 (Sábado)	09hs	D.E. Renascer — Mangalô
	11 (Domingo)	15hs	C.A.M. CEAE Santana
	21 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	28 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
JUNHO	01 (Domingo)	15hs	C.A.M. ABC
	04 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	07 (Sábado)	09hs	D.E. Redenção — Jundiaí
	11 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	14 (Sábado)	14:15hs	Exame Espiritual
	14 e 15		Mocidade-Visita de Confrat. entre Grupos
	18 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	21 (Sábado)	14:15hs	Exame Espiritual
	25 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
28 (Sábado)	09hs 16hs	Exame Espiritual Momento de Fraternidade	
JULHO	05 (Sábado)	09hs	D.E. Allan Kardec — Praia Grande
	06 (Domingo)	14hs	C.A.M. Piracicaba
	19 e 20		3.º Curso/Seminário p/ Dirig. de Mocidade-CEME
AGOSTO	03 (Domingo)	15hs	C.A.M. — C.E. Nosso Lar
	09 (Sábado)	09hs	D.E. — G.E. Fraternidade — Jaçanã
	15 e 16		Curso de Dirigentes de EAE
	17 (Domingo)	09hs	Mocidade — Encontro de Arte-SP
22, 23 e 24		Curso p/ Evangelizadores de Infância	
SETEMBRO	06 (Sábado)	14hs	D.E. Redenção — Araraquara
	07 (Domingo)	15hs	C.A.M. São Vicente
	07, 14, 21 e 28		Encontros Regionais de Mocidade
OUTUBRO	04 (Sábado)	09hs	D.E. Palmas da Paz
	05 (Domingo)	15hs	C.A.M. Anália Franco
	17 (Sexta)		Último dia p/ entrega das Cadernetas
	18 (Sábado)	10hs	Encontro de Dirigentes e Conselho da AEE
	19 (Domingo)	09hs	4.º Curso de Expositores Mocidade — CEME
NOVEMBRO	31		Curso de Dirigentes de EAE
	01		C.A.M. Caminho e Vida
	02 (Domingo)	15hs	D.E. Anjo Ismael — S.J. Campos
	08 (Sábado)	09hs	Exame Espiritual
	12 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	19 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	22 (Sábado)	14:15hs	Exame Espiritual
	22 e 23		Visita de Conf. entre Grupos de Mocidade
	26 (Quarta)	19:45hs	Exame Espiritual
	29 (Sábado)	14:15hs	Exame Espiritual
	DEZEMBRO	06 (Sábado)	09hs
07 (Domingo)		14hs	C.A.M. — CEAE Londrina
10 (Quarta)		19:45hs	Exame Espiritual
13 (Sábado)		09hs	Exame Espiritual
13 (Sábado)		16hs	Ingresso na FDJ
14 Domingo)		09:30hs	Finalização do Ano